

MENSAGEM DO DIRETOR HONORÁRIO DA ARMA DE CAVALARIA, NA OCASIÃO DO DIA DA ARMA DE CAVALARIA – 21 DE JULHO DE 2021

“(…)

No mesmo dia, às 8 horas da manhã, avistou-se o inimigo nas alturas de Macontene. Formado o quadrado, com as duas peças nos ângulos fronteiros a Macontene e a cavalaria atrás dessa face, o inimigo, na força de mais de 5:000 guerreiros, desceu à planície, em dois grupos de costado, vindo a formar em linha, segundo a sua tática, diante do quadrado português.

A acção foi rápida e brilhante. A artilharia rompeu logo fogo, abrindo largas brechas na emplumada multidão inimiga, sem todavia a deter no impetuoso avanço; Mousinho deixou-os aproximar cerca de 400 metros, para os metralhar serenamente, por descargas de secções tam regulares e mortíferas que as linhas vátuas começaram a hesitar, a ondular.

Então o próprio Mousinho assumiu em pessoa o comando do pelotão de cavalaria conservado de reserva, e saiu com êle do quadrado, na mais bela carga de cavalaria que jamais se deu nos campos de batalha da África do Sul e que acabou por fazer desbandar em desordenada fuga as impis já abaladas.

Às 10 horas e meia, a coluna voltava ao Chibuto. O exército do Maguiguana desagregara-se de todo. Os principais vátuas e machanganas começaram logo a apresentar-se ao comissário régio. O combate de Macontene fôra decisivo.

“(…)”

In “Portugal Militar – Compêndio de História Militar e Naval de Portugal”, de Carlos Selvagem, 1931, p. 633 (Edição INCM, setembro de 1991).

Prezados Cavaleiros,

Começo por transcrever, na íntegra, o brilhante e elucidativo trecho alusivo ao combate de Macontene, ocorrido em 21 de julho de 1897, extraído do livro “Portugal Militar”, da autoria do historiador Carlos Selvagem, porquanto, entendo que este episódio ímpar da História Militar de Portugal e da Cavalaria portuguesa, não deve, não pode cair no esquecimento, devendo ser recordado de tempos a tempos, *ipsis verbis*, aos Cavaleiros mais jovens.

Isto afigura-se particularmente importante porque, nos tempos que correm, a dimensão dos acontecimentos pode ser absolutamente avassaladora e obliterar os ecos do passado; porque os princípios éticos, a moral e os valores subjacentes à edificação da nossa comunidade, num mundo contemporâneo instável e em constante efervescência, são contestados, desvalorizados e intoleravelmente reprimidos, no cotejo com novas ideias e conceções supervenientes, impostas, recorrentemente, por franjas radicais e grupos minoritários; e, sobretudo, porque as gerações mais recentes não detêm o histórico, nem as fundações que escoraram uma temperada vivência ou uma experiência suficientemente maturada.

Deste modo, assiste-nos a nós, os mais antigos, os mais velhos e experimentados, a responsabilidade de cultivarmos o vasto e rico legado imaterial erigido pelas gerações de Cavaleiros que nos antecederam, à custa do seu esforço, dedicação e sacrifício, um acervo patrimonial sagrado que nos identifica, nos une e nos distingue. A preservação da nossa identidade coletiva constitui a nossa tarefa sublime, sendo certo que se a negligenciarmos, ninguém a executará por nós!

Macontene foi um feito militar extraordinário e decisivo, de coragem conspícuia, conduzido com enorme audácia, total desprezo pelo perigo e absoluto arrojo em frente do inimigo, no qual a Cavalaria desempenhou um papel preponderante.

Mas Macontene é, por outro lado, um marco, o símbolo de uma férrea luta de vontades entre dois corajosos, bravos e tenazes opositores à época, que se temiam e respeitavam mutuamente, uma feroz e sanguinolenta batalha, em que cada parte se empenhou decididamente no cumprimento do seu dever, absolutamente convicta de que combatia por aquilo que era o melhor, o mais justo e o mais correto para si e para a sua coletividade. Não há nada de censurável, portanto, do ponto de vista militar. Bem pelo contrário!

~

Pelo segundo ano consecutivo, a epidemia da COVID-19, que se alastrou no país e tem provocado uma disruptão sem precedentes no nosso quotidiano, nos nossos hábitos e costumes, nos nossos processos e atividades, nos nossos comportamentos e atitudes, inibe-nos de celebrar o Dia da Arma de Cavalaria de acordo com o formato preconizado e superiormente aprovado em 2014, ou seja, festejando a efeméride conjugadamente com o Dia de uma das Unidades de Cavalaria, segundo um critério de rotação assente na antiguidade.

Com efeito, este ano caberia ao Regimento de Lanceiros N.º 2 (RL 2) a organização das comemorações do Dia da Arma e, simultaneamente, do seu dia festivo (7 de fevereiro). Contudo, o inquietante agravamento da situação de saúde pública na ocasião, que determinou a prorrogação do estado de emergência nacional e obrigou ao reforço das medidas de proteção e de confinamento, nomeadamente, a *restrição de realização, em regime presencial, nas unidades, estabelecimentos e órgãos do Exército, de reuniões, cerimónias, exercícios ou outras atividades não inequivocamente relacionadas com o cumprimento das respetivas missões atribuídas*, acabaria por frustrar o planeamento inicial, compelindo o RL 2 à realização de uma cerimónia simbólica e muito contida, respeitante apenas ao seu 188.º Aniversário...

Igualmente, a tradição de levar a efeito, anualmente, a 21 de julho – em evocação do combate de Macontene, travado em 1897 – uma cerimónia militar equestre de homenagem

ao Patrono da Cavalaria, Mouzinho de Albuquerque, na vila da Batalha, por uma delegação representativa de todas as Unidades da Arma, a qual era antecedida de uma marcha a cavalo de dois dias, com início em Mafra e término naquele local histórico, foi, uma vez mais, a contragosto, liminarmente cancelada, em face dos números alarmantes, referentes ao recrudescimento dos casos de contágio, um pouco por todo o território nacional.

Resta-nos, enfim, a esperança – que em caso algum pode fenece – de que a normalidade (ou, porventura, a sua metamorfose) possa regressar brevemente ao globo e, em particular, a este canto da Europa, devolvendo a serenidade às populações apoquentadas e permitindo o restabelecimento paulatino das nossas vidas...

Neste sentido, que Macontene constitua uma lição e uma inspiração para todos nós, Cavaleiros, consubstanciada numa vontade indómita, numa acrisolada confiança e numa determinação inabalável de superação da adversidade e das vicissitudes que se nos deparam!

Perante a incerteza da duração e dos efeitos desta doença (bem como de outras calamidades que, porventura, poderão seguir-se), apenas se vislumbra a certeza de porfiar incansavelmente, de molde a que, logo que possível, se retome a prática e as tradições brusca e drasticamente interrompidas.

Cumpre-me, por fim, enaltecer e endereçar um voto de profundo apreço e sentida admiração a todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem na Arma de Cavalaria, fazendo questão de reafirmar que a V. lealdade, disponibilidade, sentido de serviço, entusiasmo e o profissionalismo demonstrados, em geral, no decurso deste atribulado ano, foi indubitavelmente determinante para o reforço da imagem, do prestígio e da credibilidade do Exército, principalmente, em contexto de pandemia. Bem hajam!

Felicitações a todos e prossigam o excelente trabalho, a fim de que possam continuar a **“Merecer o Nome de Soldados!”**

O Diretor Honorário da Arma de Cavalaria

21/07/2021

 Luís Nunes da Fonseca

Assinado por: mgen fonseca.ln

Luís Nunes da Fonseca
Major-General (Res)